



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ATIVIDADE RELACIONAL

Eronilda Maria Góis de Carvalho<sup>481\*</sup>  
(UESC)

#### RESUMO

Esse estudo é parte de uma tese de doutoramento intitulada CUIDADO, RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um estudo de caso na pré-escola pública e se refere às professoras (cinco) e aos raros professores (dois) que atuam em uma pré-escola pública, situada no Município de Itabuna – Bahia. O estudo tem como foco principal, o trabalho docente e foi analisado com base nas questões ligadas ao cuidar/educar e às relações de gênero na Educação Infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cuidado, Educação Infantil, Trabalho Docente.

#### INTRODUÇÃO

Quando se pensa no trabalho docente na Educação Infantil é preciso conhecer o contexto determinado pelos condicionantes da história da Educação e da Educação Infantil em nosso País, onde permanecem dúvidas, indefinições e ambigüidades acerca da Pedagogia, do perfil profissional e da profissionalização do magistério e sobre as atribuições da Educação Infantil (creche e pré-escola) e das famílias das crianças pequenas.

---

\* Profa Adjunto do DCIE – Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: erogois@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

O campo das indefinições e conflitos entre as atribuições familiares e da Educação Infantil, isto é, entre as atribuições das mães e dos pais (em casa) e das professoras e dos professores (na creche e na pré-escola) está instaurado, porque essa área da Educação Básica não se volta apenas para a criança, mas para a infância em sua totalidade e para os pais, cuidando deles em maior ou menor escala.

Essa constatação nos fez questionar da seguinte forma: Afinal, que parte do cuidado é responsabilidade de cada instituição (casa e educação infantil) e de cada sujeito no interior de cada uma delas? Como o/a educador/a deve posicionar-se na pré-escola? Seria como um/a substituto/a materno/paterno? Um/a /assistente social? Um/a professor/a?

Foi a busca de respostas para as questões supracitadas que resultou nesse trabalho que se constitui em uma parte da tese de doutoramento intitulada CUIDADO, RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um estudo de caso na pré-escola pública . O ponto de partida para a construção da proposta de trabalho ora apresentada foi a constatação de que a reflexão sobre as relações de cuidado, gênero e práticas docentes não tem sido incorporada de forma abrangente nos cursos de formação inicial e continuada, existentes na Universidade Estadual de Santa Cruz - situada no Município de Ilhéus -Bahia - e direcionados aos profissionais que lidam com crianças pequenas nos municípios que estão no seu entorno.

### **Definições, procedimentos e recursos utilizados**

Esse estudo se delineou tendo como foco o trabalho docente de cinco professoras e dois professores/estagiários, em uma pré-escola pública situada no Município de Itabuna - Bahia e analisado com base nas questões ligadas ao



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

cuidar/educar e às relações de gênero na Educação Infantil. A nossa preocupação como pesquisadora, consistiu, sobretudo, em conhecer as professoras e professores de crianças pequenas, na tentativa de compreender seu trabalho docente e verificar os elementos presentes na constituição da especificidade da Educação Infantil.

Segundo informações da Secretaria Municipal de Educação de Itabuna, na Educação Infantil só há docentes do sexo masculino, nos momentos de Estágio Supervisionado. Tais revelações foram desafiadoras e fortaleceram o anseio de prosseguirmos na busca de elementos para o estudo das atividades docentes exercidas por mulheres e homens na Educação Infantil. E, por isso, nesse estudo optamos pela inclusão de dois professores/estagiários do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), localizada no Município de Ilhéus – Bahia e cinco professoras da Pré-Escola Alegria<sup>482</sup>.

Para citar alguns autores estrangeiros que trabalham com a categoria “trabalho docente”, destacamos os trabalhos de Bondioli e Mantovani (2003), Tardif e Lessard (2005) e Perrenoud (2001). No Brasil, despontam, entre outros, os trabalhos de Carvalho (2007-2011) e Rosemberg (2002), que fazem uma análise acerca da categoria docente, enfocando a Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental.

No percurso metodológico estabelecido nesse trabalho - que se constitui em um estudo de caso - utilizamos a abordagem qualitativa e algumas ferramentas provenientes da etnografia, esclarecendo que a mesma, como procedimento de pesquisa, não requer a definição inicial de um modelo teórico acabado que funcione como ‘marco’, ou seja, que limite o processo de observação, que é uma exigência, por exemplo, das pesquisas quantitativas e experimentais (ROCKWELL, 1987).

---

<sup>482</sup> Para preservar o sigilo das informações e da Instituição, os nomes dos sujeitos e da Pré-Escola são fictícios.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Após os primeiros contatos e observações nos diferentes grupos de trabalho da Pré-Escola Alegria, realizamos entrevistas individuais e coletivas, com as cinco professoras e os dois professores/estagiários. As entrevistas com os professores/estagiários tiveram continuidade na Universidade Estadual de Santa Cruz, após o término do Estágio Supervisionado, enriquecendo esse estudo com informações relevantes. Essas entrevistas não seguiram uma ordem lógica porque estavam diretamente relacionadas ao consentimento dos sujeitos em relação à participação dos mesmos no processo de investigação.

O cruzamento dos dados coletados a partir dos registros de campo, das observações participantes e das entrevistas permitiu a realização da triangulação que parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social sem raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macro-realidade social (SARMENTO, 2003).

### **Infância: Responsabilidade da Família ou da Pré-Escola?**

As autoras italianas Ongari e Molina (2003), em suas pesquisas, elaboraram alguns apontamentos que são válidos para a realidade educacional brasileira. Elas afirmam que apesar da riqueza e do interesse teórico da reflexão educativa que se tem construído, pouco a pouco, em torno das creches e pré-escolas, persiste a falta de uma discussão global sobre a profissão, capaz de construir um perfil profissional relativamente homogêneo; “[...] o papel da educadora de creche e de pré-escola foi vivenciado mais como um papel profissional ‘a ser inventado’ do que como um papel definido a ser assumido ou, em última hipótese a ser inovado” (ONGARI E MOLINA, 2003, p. 22).



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Concordamos com essas autoras quando declaram que a profissão de professor e de professora do ensino fundamental não é compatível com a Pedagogia da Educação Infantil, pois essa se diferencia da Pedagogia Escolar quanto às suas funções. Uma concepção de Pedagogia para a criança pequena precisa valorizar as relações entre os diferentes sujeitos: adultos e crianças, adultos/adultos e crianças/crianças, considerando as condições e as limitações institucionais, afetivas, simbólicas e aquelas ligadas às relações de poder intrínsecas a todos os espaços. E nesse caso, como valorizar as relações entre os diferentes sujeitos envolvidos com as crianças pequenas? Quais as atribuições de cada um?

Constantemente, ouvíamos das professoras da Pré-Escola Alegria que as famílias de um modo geral, estariam deixando parte dos seus encargos para a pré-escola e a creche, gerando um acúmulo de trabalho, quase insuportável. Comungando com esse pensamento do grupo, o professor-estagiário Bruno desabafou:

Você tem que ensinar a criança a ter boas maneiras, ter limites, não dizer palavrões, não bater nas outras, usar o sanitário, lavar as mãos. E ainda tem de cuidar dos remédios, dos piolhos, das unhas sujas, aspectos que fogem das nossas obrigações. (DEPOIMENTO GRAVADO EM SETEMBRO DE 2007).

Esse era o discurso-padrão das cinco professoras e dos dois professores-estagiários envolvidos na pesquisa. Em certos momentos, algumas atitudes de empatia e compreensão se superpunham a essa acusação, especialmente nos depoimentos e ações das professoras Laíse e Letícia, esta última, frequentemente utilizando o recurso da maternagem e da comparação com as mães das crianças. Tais situações permitiam a percepção de algumas mudanças nas dinâmicas e formas de organização familiares que têm contribuído para ampliar a confusão no



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

âmbito da Educação Infantil, potencializando os conflitos e as acusações. Eis a declaração da professora Letícia, sobre o assunto:

Antes, a relação professor/aluno era mais fácil, pois a mãe participava mais da vida escolar do filho. Hoje, tudo é complicado e não há tempo para cuidar das crianças, deixando-se toda responsabilidade com a escola. (RELATO GRAVADO EM SETEMBRO DE 2007).

Já a professora Laíse enfatizou:

A gente tem assumido a toda a educação, pois as mães não têm tempo para dar educar e cuidar dos filhos. Alguns não têm controle da bexiga, outros choram e são agressivos. Pai e a mãe têm obrigação de tomar conta dos filhos. Olhe o exemplo da galinha. Ela só larga os pintinhos quando eles se viram sozinhos. (RELATO GRAVADO EM OUTUBRO DE 2007).

Esses depoimentos sobre o cuidar-educar infantil revelam a combinação de elementos de uma tradição de filantropia surgida no quadro de um pensamento autoritário e controlador e de um discurso predominante no século XX, sobre a inadequação cultural e moral das famílias pobres. Na maioria dos depoimentos dos sujeitos, ficava implícito que as atitudes de cuidado só eram legitimadas no campo da filantropia, ou seja, no atendimento às crianças economicamente desfavorecidas e moralmente frágeis. Essa visão preconceituosa e acusatória sobre as famílias, firmada em um julgamento moral, feito a partir de generalizações, era compartilhada de forma evidente, pelos professores Bruno e Laíse.

Percebíamos que essa articulação entre cuidado, hierarquia social e julgamento moral das famílias fazia com que as atitudes de empatia e solidariedade, por vezes, fossem impregnadas por uma mensagem marcada pela diferença social, assimetria e poder.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Apesar das diferenças individuais, havia unanimidade entre os dois professores e as cinco professoras da Pré-Escola Alegria, com relação à revolta que manifestavam por assumirem tarefas que consideravam “impostas pela burocracia institucional”. As queixas eram fortes em razão do acúmulo de trabalho, da quantidade de crianças na sala de aula e porque consideravam que estavam sendo desviados de suas funções educativas, suprimindo “falhas” da família, de outros funcionários e até mesmo de outras instâncias.

Mesmo as professoras mais disponíveis e envolvidas com o trabalho docente, por mais tempo que os/as demais, percebiam certas tarefas como “desvio de funções”, “sobrecarga de trabalho”, e como “forma de o governo economizar” não contratando funcionários especializados para trabalhar com as crianças.

Com certeza, a docência é uma profissão relacional por excelência, pois o professor lida com pessoas e o principal objeto de trabalho é o seu ser e, portanto, sua afetividade, suas emoções e seus sentimentos estão presentes em todos os momentos. “Essas relações emocionais são seu trabalho e administrá-las constitui grande parte de seu processo de trabalho” (CONNELL, 1995b, p. 117). Nessa perspectiva, concordamos com esse autor australiano, quando afirma que do ponto de vista físico, o ensino pode ser considerado como um trabalho leve, mas em termos de exigência e pressão emocional, é um dos mais difíceis e complexos e que não pode ser compreendido fora do tecido emocional de suas relações com as crianças e com os seus pais.

Entendemos também, que cuidar é dimensão fundamental para qualquer relacionamento humano, mas, principalmente, para as crianças pequenas. E, por isso, é de fundamental importância que as pessoas que têm/terão a incumbência da educação/cuidado desses meninos e meninas tenham uma formação para o cuidado, o que não tem sido contemplado pela Academia. Contudo, não



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

esqueçamos de que os/as cuidadores e cuidadoras também necessitam de serem cuidados pela escola, pelos pais e, principalmente pelos gestores públicos.

### **Gênero, Cuidado e Docência: atividades relacionais**

Compreendemos as crianças como sendo sujeitos de direitos, diferentes umas das outras e com especificidades, não só por pertencerem a classes sociais distintas, ou por se encontrarem em estágios diferentes de desenvolvimento psicológico, mas, também, pelos seus hábitos, costumes, valores familiares e pelas histórias concretas do seu tempo. Além disso, concebemos a creche e a pré-escola como espaços educacionais privilegiados de formação para a cidadania e todas as práticas vivenciadas por meninas e meninos, nesses espaços, como atividades educacionais.

No trabalho realizado, Pedro, um dos professores-estagiários, utilizou a experiência docente como estagiário na Educação Infantil para repensar seu papel como pai e vice-versa. Os argumentos apresentados nesse estudo permitem inferir que ser pai não está completamente dissociado de ser professor e de ser homem, o que remeteria para a desconstrução do modelo tradicional de ser homem e pai, mediado pela experiência de ser professor de crianças pequenas.

Considerando o gênero como algo relacional é possível desconstruir reducionismos elaborados pela categorização em funções/papéis das condições de pai, homem e docente. No caso do professor Pedro, houve uma transformação na sua subjetividade que trazia reflexos sobre os momentos diferenciados, nos quais vivenciou a profissão, antes e depois de sua experiência como pai.

É claro que os fatos apontados por Pedro, estão mediados pela formação paralela que o docente empreende em algumas instâncias e, é inegável a importância da convivência com outras mulheres. Daí, o destaque para os aspectos



## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

relacionais do gênero. Nesse caso, talvez se materialize o que Ongari e Molina (2003) denominam “dupla experiência”, enriquecendo, em alguma medida, a “dupla presença”.

As reflexões que o professor Pedro vivenciava na condição de pai e professor, constroem uma interconexão entre as experiências que são mediadas pela reflexão teórica ou pela formação em serviço, levando-o a avançar na profissão e nas experiências pessoais. É possível inferir isso, a partir de seu depoimento, quando afirmou que na condição de pai aprendeu a olhar e a sentir, de outro modo, as necessidades das crianças. Entretanto, esta não é uma relação linear, porque está mediada pelas reflexões que o estudo e a formação em serviço (no seu caso, o Estágio Supervisionado) lhes possibilitaram.

Quanto ao cuidado, Ongari e Molina (2003) sugerem que é necessário partir de um ponto de vista diferente, recolocando a função de cuidar como atividade central e necessária ao funcionamento da sociedade e reinterpretando, de modo diferente do que se fez no passado, a relação entre função materna e função de educador/a

As autoras supracitadas confirmam assim, a necessidade de que a experiência feminina precisa ser adequadamente pensada ou refletida e, da mesma forma, a masculina. Alguns saberes obtidos em experiências anteriores com crianças podem ter interpretações diversas na pré-escola com base na significação e no valor subjetivo daquilo que é vivenciado. Uma criança que chora pode sentir alguma dor ou um mal-estar que não consegue verbalizar.

Nesse caso, aquilo que elas demonstram corporalmente, pode ser compartilhado com outras/os profissionais, dividindo responsabilidades e tomando decisões coletivas. O que estamos afirmando é que a responsabilidade com as crianças tanto na pré-escola, quanto na creche, não é ou não deveria ser do mesmo nível daquela que a mãe, pai ou avó têm em casa, embora haja a tendência



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

das profissionais assumirem sozinhas as tarefas mais penosas demandando, muitas vezes, um stress físico e emocional, com sérias conseqüências.

Professoras e professores desenvolvem tais práticas, talvez sem muita consciência da incorporação do modelo feminino hegemônico. Algumas professoras pensam que isso pode representar um maior status pelo fato de serem “cuidadoras” na esfera pública, como profissionais de pré-escola ou creche ou que o fato de assumirem sozinhas algumas atividades ligadas ao cuidado, legitima seu papel na instituição e na profissão reforçando, assim, seus poderes.

O percurso desse estudo nos fez acreditar que, a indissociabilidade entre cuidar e educar poderia ser elaborada com a associação das necessidades de cuidar do corpo, com alimentação e higiene e outras, associadas à atenção dispensada para tal fim, além dos conhecimentos apreendidos por meninos e meninas e as necessárias trocas afetivas, que dariam como produto, a indissociabilidade entre cuidar e educar.

Diante do exposto e em face da indefinição e das ambigüidades em relação ao conceito de cuidado, ainda carente de teorização, como alertam Thomas (1993) e Carvalho (2007-2011) - reconhecendo o papel que o binômio cuidar e educar representou na história da Educação Infantil no Brasil, entendemos que é preciso a reconstrução, em caráter de urgência, das bases que justificam o papel social da educação de zero a cinco anos e dos seus profissionais. Nesse sentido, o princípio educacional que rege as ações institucionais de zero a cinco anos - que precisaria abarcar as múltiplas dimensões humanas - incluiria os cuidados corporais como uma delas.

Dessa forma, educar as crianças pequenas significa possibilitar-lhes que se expressem por diferentes linguagens, tais como: gestualidade, dança, múltiplas formas de movimento, brincadeira, arte, riso, choro, entre outras possíveis. As crianças precisam se lambuzar, se sujar, se molhar e se secar e é dessa forma que



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

vão apreendendo sobre todos os temas da vida. Tais atividades devem ser executadas no âmbito da família e da escola, o que nem sempre acontece. Da mesma forma, essas crianças também precisam ser ouvidas quando cantam e devem atentar para as histórias que são contadas pelos adultos e podem/devem contar histórias, também.

Reiterando algumas afirmações feitas no decorrer desse trabalho, entendemos que o cuidado exercido no âmbito de creches e pré-escolas constitui-se como diferentes formas de atenção à corporalidade dos meninos e meninas. E como lidamos com sujeitos humanos, as práticas de cuidado estão sempre carregadas de interações intersubjetivas, que são expressas mediante a afetividade que dispensamos a essas trocas.

Do ponto de vista das práticas educacionais, há diferenças entre a atenção dada por adultos, em casa, para uma ou duas crianças, e a atenção aos corpos de vinte crianças ou mais, em uma sala de aula, com suas singularidades, expressando seus desejos, choros ou suas necessidades, quase todas ao mesmo tempo. Tais crianças, quando aceitam ou não que a limpeza de seu corpo seja feita por uma pessoa estranha, por exemplo, se expressam de maneira diferenciada.

Isso significa que compreender as singularidades das crianças pequenas, sem esquecer de que elas são muitas e diferentes entre si, é bem diferente dos cuidados dispensados quando se toma como norma uma criança universal, a-histórica e insensível, como geralmente acontece. E aqui, evidenciam-se as dificuldades existentes na Educação infantil e em particular, na Pré-Escola Alegria.

### CONCLUSÕES

Creemos que um aspecto importante, na abordagem sobre o trabalho docente é termos a compreensão de que, na condição de profissionais, mulheres e



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

homens se educam nessa interação e, talvez, seja esse um aspecto fundamental que diferencia os cuidados domésticos dos cuidados realizados nas creches e pré-escolas. Se de fato, ainda existe uma distância entre as necessidades das crianças e as ações que geralmente são propostas, faz sentido o estreitamento delas. Para tanto, é preciso que saibamos quais são as reais necessidades das crianças para que, de fato, possamos atendê-las. E isso, vai além da nossa compreensão e disposição, pois envolveria professores, coordenadores, diretores de escola e o poder público instituído, além da interação com a família.

Ainda predomina uma hegemonia das interpretações dos adultos sobre essas necessidades e o exercício de um poder desses adultos sobre os/as pequenos/as em relação aos cuidados. Captar quais são as necessidades de meninos e meninas no contexto coletivo da Educação Infantil é uma possibilidade que se apresenta como um diferencial em relação a outros tipos de cuidado realizados em outros espaços diferenciados. Assim, reafirmamos que cuidar do corpo de crianças pequenas faz parte da necessidade que todas elas têm de serem atendidas em suas singularidades, independentemente de classe social, gênero, etnia ou credo religioso, porque isso se constitui em um elemento cultural que está na base da formação humana.

Os dados apresentados nesse estudo permitiram inferir que ser pai não está completamente dissociado de ser professor e de ser homem, o que remeteria para a desconstrução do modelo tradicional de ser homem e pai, mediado pela experiência de ser professor de crianças pequenas. Considerando o gênero como algo relacional é possível desconstruir reducionismos elaborados pela categorização em funções/papéis das condições de pai, homem e docente. Daí, o destaque para os aspectos relacionais do gênero, cuja “dupla experiência”, poderia enriquecer, em alguma medida, a “dupla presença”.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Além disso, o recurso da maternagem e da comparação com as mães das crianças era evidenciado na Pré-Escola Alegria, contribuindo para ampliar a confusão no âmbito da Educação Infantil e potencializar os conflitos, as acusações e a forma discriminatória dada aos professores (homens) de crianças pequenas.

Pelas razões expostas neste trabalho, consideramos que faz sentido para a área da Educação Infantil continuar problematizando as questões que norteiam a especificidade da educação voltada para crianças de zero a cinco anos. O debate sobre os cuidados corporais, as questões de gênero e as questões relacionais e de encargos dos pais e professores, ainda se constitui em um impasse para os educadores e educadoras, pois envolve, também, as políticas públicas delineadas e aplicadas à Educação Infantil.

No entanto, se considerarmos que tais cuidados se constituem em uma parte significativa da educação das crianças pequenas e dos/as profissionais que atuam junto a elas, talvez seja possível admitir que cuidado/educação não é uma simples justaposição de termos. Cuidado é um dos elementos da educação das crianças pequenas que faz parte do trabalho docente, que por todas as implicações inerentes é compreendido como um trabalho relacional.

Finalizando, citamos alguns desafios que precisam ser superados, tais como:

- a) Aprofundar a necessidade de pensar a Educação Infantil por meio de práticas que não reproduzam as existentes no Ensino Fundamental;
- b) Materializar as práticas de educação e cuidado que, por um lado, não reduzam as atividades de cuidado a um segundo plano, em razão de uma compreensão equivocada do “pedagógico” e, por outro lado, leve em consideração o contexto sócio-cultural dos meninos e meninas abarcando as relações creche/pré-escola/família;
- c) Superar as indefinições acerca da formação dos profissionais, levando-se em conta que essa formação deveria considerar os dois primeiros aspectos apontados.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Tais desafios ratificam a compreensão de que, se até o momento, a formação de professores e professoras e o trabalho docente na Educação Infantil pautaram-se no modelo escolarizante, a construção dessa profissão indica que muitos aspectos necessitam de problematização nos processos de formação inicial e continuada, voltados para crianças pequenas.

Entretanto, compreendemos que é impossível exigir das professoras e dos professores da Educação Infantil que cuidem/eduquem das crianças, em uma perspectiva holística, se elas e eles não têm com quem partilhar suas necessidades emocionais e relacionais. É preciso que os processos formativos levem em conta os futuros professores e professoras como seres integrais, que também precisam ser respeitados e, principalmente, cuidados.

Evidentemente, estamos falando de uma formação que não contemple apenas aspectos cognitivos, objetivos ou racionais, mas que perceba os atuais e futuros profissionais dessa área, como seres dotados de um corpo, alma e espírito que necessitam exprimir suas emoções, compartilhar os dramas afetivos presentes no seu trabalho, suas incertezas, inseguranças e medos, provocados pela vida cotidiana, doméstica e profissional. Ou seja, é preciso enfatizar a dimensão emocional que dificilmente é trabalhada e acolhida em cursos de formação.

Porém, não faz parte da cultura acadêmica, a compreensão de que os professores e as professoras também são seres integrais e, como tais, possuem um corpo que é requisitado a todo o instante no trabalho com crianças pequenas. Do ponto de vista físico, o ensino na educação infantil pode ser considerado como um trabalho leve. Mas, em termos de exigência e pressão emocional, é uma das atividades mais difíceis. Nesse caso, o trabalho docente não pode ser compreendido fora do tecido emocional de suas relações com as crianças e seus pais.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Por fim, podemos afirmar que cuidar é dimensão fundamental para qualquer relacionamento humano, mas, principalmente, para as crianças pequenas. E, por isso, é da maior importância, que as pessoas que terão a incumbência da educação/cuidado de nossos meninos e meninas tenham uma formação para o cuidado.

### REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Elisa D. A de. **Etnografia da Prática Escolar**. 3.ed. Campinas, S.Paulo: Papirus, 1999.
- BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Suzanna (Org.). **Avaliando a pré-escola: uma trajetória de formação de professores**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003, p. 123-140.
- CARVALHO, Eronilda Maria Góis de. **Cuidado, relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professoras e professores da pré-escola pública**. UFBA, 2007 (Tese Doutorado em Educação), 260 p.
- CARVALHO, Eronilda Maria Góis de. **Educação infantil: Percursos, Percalços, Dilemas e Perspectivas**. 2.ed. Ilhéus – Bahia, Editus, 2007.
- CONNEL, Robert. **Políticas de Masculinidade**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 185-206, 1995b.
- ONGARI, Bárbara; MOLINA, Paola. **A educadora de creche: construindo suas identidades**. São Paulo: Cortez, 2003.
- PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**, Lisboa, Dom Quixote / Instituto de Inovação Educacional, 2001.
- ROCKWELL, Elsie. Reflexiones sobre el proceso etnográfico. **Documento de investigaciones Educativas**. Centro de Investigación y de Estudio Avanzados, IPN, México, 1987.
- ROSEMBERG, Fúlvia Educação formal, mulher e gênero no Brasil Contemporâneo. In: **Revista de Estudos feministas**, Florianópolis: Ed. Mulheres, vol.9, nº 2, 2002, p. 515-540.



ISSN: 2175-5493

**IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

5 a 7 de outubro de 2011

---

SARMENTO, M.J. & PINTO, M. **As Crianças: Contextos e identidades**. Braga, Portugal. Coleção Infância, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.